

O ensino na saúde na pauta da formação dos profissionais de saúde

Analysis of the teaching-learning process from the perspective of undergraduate preceptors in the context of primary health care

Alcindo Antônio Ferla

ORCID: 0000-0002-9408-1504

Julio Cesar Schweickardt

0000-0002-8349-3482

Denise Bueno

ORCID: 0000-0002-9022-5291

Maria das Graças Alves Pereira

ORCID: 0000-0002-8777-3860

Frederico Viana Machado

ORCID: 0000-0002-8884-1124

Renata Riffel Bitencourt

ORCID: 0000-0002-5172-1049

Resumo

Este editorial apresenta o trabalho da Editora Rede Unida em 2021 com um breve relato sobre os livros publicados pela editora e os números regulares e suplementos da Revista Saúde em Rede. Em seguida, são discutidos conjuntamente os 33 artigos publicados neste número. Os autores fazem parte de Instituições de 13 Estados das cinco regiões do Brasil, evidenciando a abrangência territorial dos trabalhos publicados, que juntos traçam um panorama da diversidade de temas e contextos abordados na revista: a interface da educação com a saúde, seja na perspectiva da educação permanente em saúde, voltada para o trabalho, seja na perspectiva da promoção da saúde; o uso de tecnologias no campo da saúde; os cenários de cuidado nos diferentes níveis (atenção básica, vigilância em saúde, gestão do cuidado em hospitais); gestão em saúde; desigualdades em saúde; saúde mental.

Palavras-chave: Educação Permanente; Promoção de Saúde; Desigualdades em Saúde

Abstract

This editorial presents or works by Editora Rede Unida in 2021 as a short story about the books published by the publisher in the regular issues and supplements of Revista Saúde em Rede. Below, the 33 articles published in this issue are discussed together. The authors are part of institutions from 13 states in five regions of Brazil, showing two published works, which together outline an overview of the diversity of themes and contexts addressed in the journal: the interface of education with health, from the perspective of permanent health education, focused on work, from the perspective of health promotion; or use of technologies outside the field; Care centers at different levels (primary care, health surveillance, hospital care management); health management; health inequalities; mental health.

Keywords: Permanent Education; Health Promotion; Health Inequalities

Em meio a um dos piores momentos políticos da história brasileira, marcado por retrocessos democráticos e sucateamento das políticas públicas, com fortes impactos na educação e na saúde, a Editora da Rede Unida tem intensificado as redes colaborativas e seu trabalho editorial. A editora publicou 32 livros em 2021 em diferentes Séries. As séries que mais abarcaram novas composições foram “Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisa em Saúde”, “Saúde & Amazônia” e “Vivências em Educação na Saúde”, valorizando e transformando as práticas de saúde em literatura e fonte de disseminação de informação. A Revista Saúde em Redes, por sua vez, está encerrando o ano de 2021 com 3 números regulares e dois suplementos publicados, que juntos totalizam 122 trabalhos compartilhados, entre artigos originais, artigos de opinião, relatos de experiência e resenhas. Isso é motivo de comemoração para um periódico que tem uma lógica de colaboração e gestão voluntária, acesso livre e submissão sem custos aos autores. No cenário atual, sabemos que os periódicos estão sofrendo com a falta de financiamento e, para manterem seu trabalho editorial, muitos deles têm repassado os custos de publicação aos autores. Até o momento, a Associação da Rede Unida tem conseguido apoiar nosso trabalho, não sendo necessário a cobrança de taxa. No entanto, essa alternativa se mantém possível pelo fato de a maior força da Editora da Rede Unida ser a parceria e o trabalho colaborativo.

Além disso, uma grande dificuldade dos periódicos na atualidade tem sido a manutenção de um corpo de pareceristas que consiga avaliar e qualificar o crescente número de artigos que são submetidos regularmente e continuamente. Contornamos essa dificuldade com o convite de jovens doutores e mestres das diferentes áreas da saúde em todo Brasil, o que tornou os processos editoriais não apenas mais céleres, mas também mais vivos e oxigenados para o aprimoramento e excelência de cada texto publicado. A todas/os as/os nossas/os pareceristas o nosso mais sincero agradecimento.

Além dos artigos originais, a Saúde em Redes tem recebido um volume expressivo de artigos na modalidade de “Relato de Experiências” retratando tanto o interesse de estudantes de graduação e residências, assim como de trabalhadores de saúde de todo o país¹. Com a expansão de iniciativas e práticas de educação permanente em saúde nos serviços e pontos de atenção à saúde nos territórios, a produção de evidências no cotidiano se torna visível e se articula com as evidências da ciência acadêmica, numa dupla força de combate ao negacionismo. Reconhecer a ciência do cotidiano do trabalho reforça o compromisso da Associação da Rede Unida com a construção de redes entre as instituições de ensino e pesquisa, serviços de saúde e movimentos sociais para a superação de barreiras na construção de um Sistema Único de Saúde cada vez mais acessível e promotor de justiça e da igualdade. Afinal, para nós, saúde é democracia. Também se destacaram, em número e diversidade, os artigos que abordaram temas relacionados à pandemia². Os suplementos deste ano buscaram dar visibilidade para a realidade da COVID-19, que afetou os mais diferentes territórios e cotidiano dos serviços e da vida das pessoas. Assim, a Saúde em Redes conseguiu diminuir o tempo de espera para divulgação dos trabalhos, sem comprometer os números regulares da revista.

Neste número, temos 33 artigos originais, sendo um deles um artigo de opinião. Os autores fazem parte de Instituições de 13 Estados das cinco regiões do Brasil. Definitivamente, a revista não tem um perfil editorial endógeno ou de privilégio aos pares da Associação da Rede Unida, que já representam um universo amplo e diverso. A Saúde em Redes tem se constituído como uma referência para as áreas da saúde coletiva e do ensino na saúde exatamente pelo caráter transparente e democrático com que acolhemos, avaliamos, editoramos e publicamos todo o material que chega até nós. As submissões e os acessos aos artigos têm mostrado o interesse pelas publicações que trazem situações concretas dos serviços e do trabalho em saúde, assim como as dimensões que tratam da relação ensino-serviço-comunidade. Isso demonstra que a gestão do trabalho não está distante do ensino e nem mesmo das necessidades da comunidade.

O tema do ensino atravessa os diversos cursos de graduação e pós-graduação em saúde, as modalidades das residências, preceptoria tanto na atenção hospitalar quanto na atenção básica em saúde, mas também experiências educacionais nos processos de trabalho e práticas de cuidado. O foco destas experiências está na interface da educação com a saúde, seja na perspectiva da educação permanente em saúde, voltada para o trabalho, seja na perspectiva da promoção da saúde. Isso demonstra que o ensino na saúde tem se tornado cada vez mais o foco da Revista e um ponto de entrada riquíssimo que se desdobra em diversos temas e abordagens do trabalho e do cuidado em saúde. Estas experiências nos convidam ao aprofundamento reflexivo sobre a relação ensino-serviço, como propõe a Política de Educação Permanente em Saúde³. A educação permanente em saúde, como iniciativa de desenvolvimento do trabalho, permite absorver construtivamente os desafios complexos do cuidado e da gestão na saúde, fazendo uso, em justas medidas, do conhecimento prévio e do conhecimento significativo que se produz no trabalho vivo e em ato.

A formação profissional em saúde, por meio da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), têm destacado que a formação não pode estar dissociada das necessidades dos serviços e da realidade do Sistema Único de Saúde. Ao contrário, a complexificação do mundo do trabalho na saúde exige novos arranjos para o campo da formação⁴. Esta mudança na formação também produziu efeitos sobre os serviços de saúde, pois passaram a receber um maior número de estudantes para fazer o estágio, residência, atividades curriculares, exigindo uma qualificação dos profissionais de saúde para exercer a preceptoria. Importante também registrar que a aproximação com os sistemas locais de saúde, o contato precoce com os pontos de atenção nos diferentes territórios, para compreender a dinâmica da produção de saúde em cada um deles, é a senha para o desenvolvimento de capacidades profissionais locais e globais, diferentemente da lógica do ensino bancário, onde o fluxo de aplicação sobre os territórios, expõe a obsolescência do saber e da técnica e reduz a eficácia da ação em diferentes contextos..

Neste número, temos cinco artigos que abordam diretamente as residências em saúde, considerando temas como a análise do processo ensino-aprendizagem, a formação das residências multiprofissionais, a função, as dificuldades, as competências, as motivações e a formação de preceptores, entre outros. Estes artigos são fruto de pesquisas que consideram diferentes perspectivas para a compreensão dos desafios e as potencialidades dos programas de residência no Brasil, tanto na atenção básica como nos demais níveis de atenção à saúde. Muito oportunos em tempos em que há retrocessos visíveis na condução nacional da política de residências, com o fortalecimento de fronteiras disciplinares e corporativas, num divórcio evidente com o que acumulamos nos últimos tempos. Mas as residências e os residentes resistem e recolocam as questões substantivas dessa aprendizagem coletiva nas suas reflexões.

Em outros artigos, o ensino em saúde aparece em discussões sobre a humanização na formação de fisioterapeutas, na avaliação da formação médica para a atenção básica, na importância do Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF) para a formação e a atuação em saúde. Estes artigos enfocam tanto a formação de acadêmicos como os processos educacionais, tendo o foco na promoção da saúde de diferentes sujeitos, tais como idosos e hipertensos. Novamente, uma expressão da resistência e da segurança epistêmica que acumulamos nas últimas décadas, com o SUS: a força do NASF é o apoio, não a escala ampliada de procedimentos! Se há retrocessos na política federal, há ocupação do espaço nos serviços e na produção de conhecimentos pelos atores que fazem os matriciamentos no cotidiano, que ajudam a enfrentar os retrocessos e os intangíveis, como a pandemia.

A pandemia explicitou a importância crescente do uso das tecnologias da informação para a vida cotidiana, uma vez que estas passaram a ocupar um lugar mais expressivo no trabalho e nas relações sociais de grupos, povos e espaços coletivos. Neste número, três artigos abordam o uso de tecnologias no campo da saúde. Um deles explora o uso das redes sociais pelos órgãos gestores do Sistema Único de Saúde, outro o uso de tablets por Agentes Comunitários de Saúde no Brasil e, por fim, temos uma

discussão sobre a avaliação dos atributos do cuidado na Atenção Primária com o uso do PCAtools. São discussões que colocam a tecnologia na pauta de pesquisas no campo da saúde coletiva de forma crítica e interdisciplinar, como apoio aos fazeres no cotidiano e, também, como dispositivo para o pensamento, que pensar na saúde que se quer produzir é fundamental para seguir adiante.

Neste número, também temos artigos que discutem os cenários de cuidado nos diferentes níveis. A atenção básica se torna objeto de reflexão por meio de discussões sobre a atenção domiciliar de usuários com condições crônicas e as práticas alimentares de crianças. A vigilância em saúde também se torna tema de pesquisa na análise da cobertura vacinal de brasileiros e de migrantes venezuelanos, na análise da notificação de gestantes com HIV e crianças expostas à transmissão vertical. Elementos da gestão em saúde também são trabalhados com a análise dos repasses financeiros para serviços de fisioterapia ambulatorial.

Dois artigos trazem contribuições sobre o tema da saúde mental. O primeiro analisa as possibilidades de cuidado por meio do referencial teórico-político do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e o segundo aborda os serviços de saúde às pessoas que usam drogas. Estes trabalhos ressaltam a importância da educação popular e a perspectiva de redução de danos como dispositivos de fortalecimento dos processos de cuidado pela ótica da humanização. A incorporação destas tecnologias nos serviços de saúde significa uma abertura para práticas mais inclusivas e abertas para o outro, com uma perspectiva da prática libertadora e transformadora da realidade.

Neste número também temos pesquisas que abordam as desigualdades e as violências de gênero na saúde da mulher. Nestes trabalhos são problematizadas questões como a violência obstétrica, o comportamento de mulheres grávidas, o conhecimento e os sentimentos de mulheres acerca do exame preventivo do câncer do colo do útero. As concepções das mulheres sobre o corpo grávido, a autoimagem da mulher e o acolhimento de parturientes em um hospital público são objeto de análise dos textos. A humanização do parto faz parte da política pública, mas observamos que, apesar da política, a violência obstétrica acontece no interior das maternidades e hospitais, violando o direito das mulheres e ignorando o significado e a prática de um cuidado “humanizado”.

O contexto hospitalar aparece diretamente em alguns artigos desse número. São tematizados a questão das crianças com doenças crônicas, os cuidados paliativos nas linhas de cuidado. Além disso, temos dois artigos que fazem a discussão sobre a cultura de segurança do paciente na perspectiva da equipe profissional em seis hospitais brasileiros, e outro que analisa o perfil de pacientes com incontinência urinária.

O último artigo original aborda a judicialização da saúde no SUS, um tema que preocupa os gestores de saúde na atenção integral dos usuários. Isso levou gestores e os representantes da justiça a realizarem um diálogo sobre os limites e as possibilidades do SUS. De fato, o debate coloca o dilema ético e político sobre os direitos individuais e as necessidades do coletivo. Na ótica do gestor a decisão se transforma em responder à ordem judicial e retirar o recurso de algum outro lugar; enquanto que para o usuário, a questão é a necessidade do SUS responder à necessidade de uma atenção complexa e cara.

Fechando este número, temos um artigo especial e um artigo de opinião. O artigo especial contextualiza o centenário de Paulo Freire e está intitulado “Inspirações freireanas nas contribuições do controle social à formação profissional em saúde: saúde e educação como direitos para uma vida digna a todas as pessoas”. O ensino e a aprendizagem aparecem aqui, a partir da inspiração freireana, como contribuições do controle social à formação das profissões, colocando na avaliação e regulação dos cursos de graduação da saúde as questões que constituem a relevância social e sanitária. Um encontro feliz, no sentido espinosiano, a produção do Patrono da Educação Brasileira, também atacado nesse tempo de crise civilizatória, com a atuação do Conselho Nacional de Saúde no ciclo regulatório da formação dos profissionais da saúde. Por outro lado, o artigo também demonstra a educação

permanente em saúde atuando no controle social, uma vez que o artigo se origina justamente no debruçamento das pessoas que atuam no Conselho sobre seu trabalho.

O artigo de opinião intitulado “Educação para Vida Adulta: por um mundo interno mais perceptivo”, propõe a possibilidade de vislumbrar um mundo interno mais perceptivo, mais leve, capaz de anular o peso corpóreo das limitações físicas que se ganha com o processo natural de envelhecimento, por meio de uma determinada concepção de vida adulta e da importância do descobrir-se pessoa através da literatura, convidando o leitor a fazer um exercício de “desassossego” para pensar na sua itinerância em meio ao movimentado caminho do educar-se ao longo da vida.

A apresentação, que compõem os 33 artigos do terceiro e último número de 2021, traça um panorama da diversidade de temas e contextos abordados na Revista Saúde em Redes. Assim, fechamos com chave de ouro nosso sétimo ano de atividade, tendo a sensação de missão cumprida. Não perdemos de vista que ainda vivemos uma condição de pseudo quarentena, com uma pandemia que vai e vem, com variantes de um vírus que se beneficia do negacionismo, com parte da sociedade absorvendo acriticamente as insígnias da banalização das medidas de controle e de resposta à pandemia e de uma prática necropolítica⁵ estruturada em personagens icônicos da política-bufa, que dissociam o sentido ético da política e a defesa da vida. No entanto, estamos motivados para os desafios que se avizinham para 2022 e persistimos na ideia de que temos que esperar para que todos e todas possam ter o direito ao “Bem Viver”⁶, na relação com as pessoas, com o lugar, com a natureza e com outros seres e outras gentes.

Com o número da Saúde em Redes que apresentamos aqui, encerra-se também o volume 7 e entramos no oitavo número da revista, com publicações regulares. O número oito tem significados oportunos, como o diálogo com o infinito (“eles passarão; nós passarinho”, na licença poética do Mário Quintana!), a prosperidade, a superação. Findamos este editorial no dia seguinte à finalização do segundo turno da eleição no Chile e, portanto, impregnados do esperar que nossas ações cotidianas contribuam com o refazer dos percursos da democracia, da saúde de todos e de todas e do respeito à vida. Que em 2022 retomemos um percurso civilizatório onde a única fome preservada seja de vida e de democracia!

Desejamos uma boa leitura e que ela desencadeie pensamentos e transformações!

Referências

1. Ferla, AA; Machado, FV; Pereira, MG; Bueno, D; Bittencourt, R. Relatos de experiência e as articulações entre ensino, pesquisa e práticas profissionais. Revista Saúde em Redes, v7.n2 supl. 2. 1 - 5, 2021.
2. Ferla, AA; Gosch, CS; Possa, LB; Durães, MD; Padilla, M. A essencialidade da força de trabalho em saúde no enfrentamento à pandemia: precisamos ir além dos aplausos. Revista Saúde em Redes, v7. n1. supl. 1. 1 - 8, 2021.
3. CECCIN, R.B.; FERLA, A.A. Educação Permanente em Saúde. In: Escola Politécnico Joaquim Venâncio. Dicionário de Educação Profissional em Saúde. 2 ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l43.pdf>
4. FERLA, AA. Um ensaio sobre a aprendizagem significativa no ensino da saúde: a interação com territórios complexos como dispositivo. In Saberes Plurais. No prelo.
5. MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: n-edições, 2018.
6. SOLÓN, P. Bem viver. In: Alternativas sistêmicas: Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Elefante, 2019.